

A Sedução pelo Averso: superar o individualismo e globalizar a solidariedade

Sávio Assis de Oliveira*

RESUMO

Que caminhos deve trilhar o profissional de Educação Física num mundo onde competitividade e individualismo são apresentados como o caminho para o sucesso?. Essa é a reflexão que procuramos desenvolver no presente texto, assumindo uma posição crítica diante da chamada globalização e identificando relações entre esse processo excludente e a cultura esportiva.

ABSTRACT

Which ways must follow the Physical Education professional in a world where competition and individuality are shown as the key to success?. This is the reflexion that we developed in the text, having a critical vision on global world and identifyng relationships between this process of exclusion and the sport culture.

* Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - linha de pesquisa "Política Educacional e Prática Pedagógica". Bolsista da CAPES. Membro do Laboratório de Observações e Estudos Descritivos em Educação Física e Esportes (LOEDEFE-UFPE). Secretário Estadual do CBCE em Pernambuco.



Desenvolver uma reflexão, orientando-se por uma pergunta, é, antes de mais nada, estabelecer um diálogo com a própria pergunta, seus nexos internos, seus conteúdos manifesto e latente. A questão orientadora em tela nos remete à quatro temas: *globalização, sedução, profissional de Educação Física e perspectivas*. Desses temas, saltam várias perguntas: *que leitura fazemos da globalização?. Como ocorre tal sedução?. A sedução é algo necessariamente enganoso?. De que profissional de Educação Física estamos falando?. Quais são as perspectivas?.*

Diante de tantas possibilidades de abordagem e dos limites desse escrito, é necessário que façamos alguns recortes, priorizando alguns pontos. Particularmente, nos chama a atenção a discussão sobre a relação da individualidade com o gênero humano que, transversalmente, faz-se presente nos demais temas.

Cabe destacar, de início, que ao perguntarmos e/ou respondermos a respeito de perspectivas (chegaremos!?), estamos, mesmo que timidamente, nos posicionando como *descrentes* do fim da história. E nesse posicionamento está presente uma determinada leitura sobre a chamada globalização. Sim, porque a globalização da economia e a reestruturação do mundo produtivo são os mais recentes argumentos para atestar o fim da história, agregando-se à queda do muro de Berlim e aos acontecimentos referentes à ex-União Soviética e ao leste Europeu.

Somadas as efetivas mudanças no mundo produtivo e na economia à propaganda ideológica em curso, é mais prudente falarmos em globalização do capitalismo. E daí surgem novas perguntas: será o *mundo globalizado*, nos moldes atuais, além de *inevitável*, o *paraíso possível*?. Será então que à humanidade resta apenas implementar um processo de humanização e aperfeiçoamento do capitalismo?.

No Brasil, a palavra global assume três sentidos distintos. Um, que não nos interessa no momento, tem relação com a poderosa rede de comunicações comandada por Roberto Marinho. Outro sentido é aquele utilizado quando se refere ao globo terrestre e um terceiro que usamos quando falamos de algo por inteiro, integral, total.

Sem dúvida, a globalização do capitalismo atinge todo o globo terrestre, mas não o quer inteiro, integral, total. Segundo Ignacy Sachs (Evelin & Andrade, 1996), economista polonês, radicado na França, *muita gente está ficando de fora*. Referindo-se às estimativas de autores americanos, Sachs diz que a globalização, tal como se processa, inclui um terço da população mundial e exclui outros dois terços. É o fenômeno que ele chama de *terceiro-mundialização* do planeta. E mais: uma característica desse processo é que os principais atores são empresas e não países. É verdade que há países que ganham ou perdem mais que outros, mas Sachs é categórico ao afirmar que *haverá ganhadores e perdedores dentro de cada nação*.

Ianni (1996: 30), por sua vez, chama a atenção para o desemprego estrutural

tural provocado por este quadro, alertando para o agravamento da questão social e suas tensões, citando como exemplos os problemas relativos aos preconceitos de raça, idade e sexo, tanto quanto os referentes à religião e língua, cultura e civilização.

Não é essa sociedade de excluídos o horizonte desejável pela maioria, ou seja, os que vivem do trabalho (Antunes, 1997). O horizonte é outro: (...) *uma nova civilização, inspirada por uma racionalidade substancial e por valores qualitativos; uma sociedade igualitária, sem explorados nem exploradores, sem opressão de sexo ou de etnias, sem alienação ou reificação* (Lowy, 1991: 116-117). Para isso, ainda segundo Lowy (p. 117), é preciso combinar a preocupação com a tática e a estratégia revolucionárias, com o (...) *livre curso à imaginação criadora, ao sonho desperto, à esperança ativa, e ao espírito visionário*. Ou, como afirmamos em outro momento:

Pensar uma nova civilização, uma comunidade humana qualitativamente distinta desta que somos hoje, a perspectiva histórica de superação do capitalismo, de todas as formas de opressão e violência, enfim, pensar a transformação do mundo em que vivemos, é necessário para que possamos nos sentir vivos, críticos, criativos, realistas e esperançosos (Assis de Oliveira, 1996).

Temos então uma situação aparentemente contraditória: como é que esse quadro de exclusão seduz um profissional que transita pela área edu-

cacional, num país com as características do Brasil?. Será que esse profissional se encontra no *time* dos incluídos?. Que relação específica a Educação Física guarda com o processo de globalização?.

Vários pontos podem ser arrolados a partir dessa aparente contradição. Em primeiro lugar, destacamos que uma das possibilidades ou significações da sedução é justamente o da inclinação artificial para o erro, é o enganar ardilosamente, é o recurso a promessas ou encantos, é a idéia do suborno.

Uma visão crítica da globalização ainda é restrita a poucos e não tem espaço nos grandes meios de comunicação. A idéia comum é a da sua inevitabilidade e a palavra de ordem é competitividade, ou seja, a competição estimula as pessoas, os mercados, as empresas e os países, produzindo avanços em todos os níveis.

Por outro lado, profissionais da área educacional e de serviços, dois campos majoritários de atuação do profissional de Educação Física, ainda não sentem diretamente os efeitos da exclusão. Ainda que com salários baixos e condições de trabalho indignas, o professor ainda consegue manter o posto de trabalho, diferentemente de outras categorias, algumas sujeitas ao completo desemprego. No mais, o culto ao corpo e a indústria do lazer garantem outros espaços de atuação. A garantia do emprego assume ares de suborno social, iludindo, imobilizando, calando e acalmando.

Outro dado relevante, porém pouco discutido, é a relação entre esse processo excludente e a cultura esportiva, presente e dominante tanto na formação

quanto no campo de atuação do profissional de Educação Física. Falamos do esporte e da esportivização de outros fenômenos.

Não é por acaso que o esporte é considerado um dos fenômenos mais relevantes da sociedade moderna. É uma forma cultural que ritualiza os valores fundamentais da sociedade capitalista, quais sejam: competição, concorrência e rendimento. O esporte torna a competitividade ainda mais sedutora, mexendo com o imaginário, mobilizando a irracionalidade e as paixões inexplicáveis das pessoas. O esporte estimula a idéia de que qualquer um tem a possibilidade de vencer. O esporte materializa a proposta de padronização de espaços e de locais de disputa. O esporte cria a necessidade e a solução para o desenvolvimento de normas e regras universais. No esporte funciona a seleção dos aptos (incluídos) e a livre concorrência entre estes.

Um esclarecimento necessário: ao realizar essa reflexão sobre o esporte e a globalização, não estamos propondo o abandono do esporte por aqueles que resistem ao atual modelo de funcionamento da sociedade e sonham com um outro melhor. Pelo contrário, é justamente essa contradição que vem animando nossos estudos¹, ou seja, a possibilidade do esporte participar de um projeto político-pedagógico emancipatório.

O caso do futebol é interessante para ilustrar a participação esportiva no *mundo globalizado*, seja através de dados econômicos, seja através do pensamento de seu principal dirigente. A FIFA congrega hoje cerca de 200 paí-

ses. O futebol sustenta quase 200 milhões de empregos e movimenta anualmente 255 bilhões de dólares, 85 bilhões a mais que a General Motors. Para as copas de 2002 e 2006 já há contratos de televisionamento em torno de 2,8 bilhões de dólares, não computadas as empresas dos Estados Unidos. Os clubes em melhor situação - econômica e esportiva - são aqueles que funcionam nos moldes das empresas.

Todos esses dados aparecem numa entrevista de João Havelange, presidente da FIFA, à Revista IstoÉ (Alves Filho, 1996). Nessa mesma entrevista ele afirma que se tivesse poderes, demoliria o Maracanã para construir um estádio menor e mais moderno, um hotel, um supermercado e um complexo esportivo. Afirma que quem o observar num estádio, o encontrará imóvel, sem torcer por ninguém, pois a ele interessa apenas o resultado financeiro da competição. Afirma ainda que o problema da Lei do Passe não é político e sim esportivo, devendo ser discutido nas instâncias do futebol e não nos congressos de deputados.

Notam-se aí, alguns elementos importantes. O desprezo à tradição, àquilo que tem valor provinciano, local, regional ou nacional. Esses só valem se viáveis como negócios. A idéia de que o *dinheiro é a única pátria à qual se serve*². A contradição, no caso da Lei do Passe, com a idéia da lei do mercado, da livre negociação e das regras flexíveis, bases da livre concorrência. São expressões e contradições de um modelo excludente.

Nesse cenário, onde a competitividade impera, o individualismo assu-

me um papel fundamental. Afinal, como afirma Sachs, *cada um é convidado a se virar sem olhar os outros*. *Essecada um*, entenda-se, não se refere apenas a pessoas/indivíduos. O individualismo assume também as instituições. São as pessoas, as empresas, os clubes, as prefeituras, os estados, os países, enfim, toda e qualquer unidade ou organização tentando resolver isoladamente (ou em pequenos grupos) seus problemas, ainda que para isso criem problemas para os outros.

Os cartéis, o Clube dos 13 (no futebol), os blocos econômicos, são apenas algumas expressões de tudo isso. Hoje é quase impossível imaginar a possibilidade de projetos integrados de desenvolvimento urbano, regional ou nacional. Mesmo nas organizações de trabalhadores que têm caráter nacional (partidos, centrais sindicais, ...) é comum encontrar movimentos em diferentes unidades da federação lutando pela instalação de uma refinaria, uma fábrica, os chamados projetos estruturadores, como se uns trabalhadores fossem melhor que outros para terem tal direito. Segundo Lessa (1997: 52), o próprio trabalhador que consegue *segurar* o seu emprego, acredita ser melhor que o colega demitido, até quando ele entrar na próxima lista de demissão ou se convencer que sua permanência foi mais um lance de sorte.

Nessa cultura do individualismo e da competitividade, não há lugar para a solidariedade ou para tratar a individualidade numa relação positiva com o gênero humano. Ou melhor, há lugar sim, mas na contra-maré, na resistência, na ação consciente, na prática social, na luta multifacetada.

O ponto de partida, segundo Lessa (p. 47), é denunciar qualquer concepção de mundo que toma como signo de civilização e humanidade a exploração do homem pelo homem. Essas concepções tomam a individualidade como algo desprovido de qualquer relação com o gênero humano e, por conseguinte, a sociedade torna-se um mero ajuntamento, seguindo a idéia de que o homem é antes de tudo um animal competitivo. Essa compreensão é chave para podermos explicar criticamente a competitividade e o individualismo, para superar os processos alienantes que sugerem o conforto diante das crises e para acreditar na possibilidade de construção do essencialmente novo, ao invés da mera novidade que é conservadora.

Lessa (p. 53-55) afirma que a produção do novo é uma necessidade do mundo dos homens e que sem ela não há vida social. A questão é saber como se dá a apropriação desse novo pela práxis social. Uma possibilidade é a apropriação apenas como nova forma do antigo, para manter as relações sociais existentes. É uma apropriação típica dos processos alienantes contemporâneos, em que a sociedade de consumo cultua a novidade, que é rapidamente absorvida para dar lugar a outra, e assim por diante. Outra possibilidade é a apropriação do novo e suas potencialidades como novas possibilidades para o desenvolvimento global (inteiro, integral, total) do gênero humano, dos indivíduos e das relações sociais. O novo servindo como ponto de apoio para o desenvolvimento futuro.

Nesse quadro, o praticismo não é a melhor maneira de produção/apropria-

ção do novo, nem a melhor resposta ao individualismo e à alienação. A prática pela prática, que despreza o conhecimento e não é capaz de produzir saltos qualitativos em termos de organização, não é a melhor saída. As alternativas (perspectivas) são inúmeras e dependerão de diversos fatores. No entanto, é preciso distinguir aquelas que dependem de outras instâncias daquelas que estão mais ao alcance do profissional.

Apontamos aqui alguns caminhos possíveis de serem trilhados pelo profissional de Educação Física, coerentes com a reflexão desenvolvida até então. São caminhos mais específicos da área, que exigem opções do profissional mas necessitam de espaços coletivos para efetivação.

Recuperar o outro sentido da sedução, o sentido da atração, do encanto e do fascínio. Deixar-se atrair pelas saídas coletivas, recusando o isolamento e as saídas particulares. Encantar-se com o diálogo, falando e permitindo a fala. Fascinar-se com a vida, lutando para continuar vivo. Ser capaz de seduzir outros, com ética, transparência, firmeza, ousadia e honestidade.

Ao invés de lutarmos para regulamentar a profissão (perspectiva individualista/mera novidade), devemos fortalecer os sindicatos de professores, as associações estudantis e profissionais, o Colégio Brasileiro de Ciências de Esporte,...

Ao invés dos *supermercados de ensino*, devemos defender a proliferação de pequenas escolas onde os trabalhadores em educação possam se apropriar do seu próprio trabalho e onde os

alunos não sejam meros consumidores anônimos, mas tenham nome, rosto e gosto.

Em lugar dos celeiros de atletas, devemos defender os clubes (sociais, de bairro, de categoria,...) como locais de encontro, diversão e do exercício do associacionismo.

Contra a ditadura dos mega-eventos e da adequação à indústria cultural, devemos defender uma política pública de lazer, que descentralize atividades, que priorize o local de moradia e que garanta a promoção humana e social.

Por último, ao tratarmos do esporte, devemos abordá-lo como algo a ser conhecido, praticado, assistido, de forma crítica, priorizando/resgatando uma dimensão lúdica e solidária, ao invés de tê-lo apenas como estágio primeiro desse grande jogo da vida entre homens sem rosto, sem casa, sem pátria, sem gênero, enfim, desse jogo entre animais competitivos e mesquinhos.

Notas

¹ Nosso projeto de pesquisa (mestrado), em andamento, tem como tema *A Reinvenção do Esporte: possibilidades da prática pedagógica*.

² Expressão presente em *A Flor Prometida* carta do Subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (México), publicada na Folha de S. Paulo, em 02 de abril de 1995, com tradução de Clara Allain.

Bibliografia

- ALVES FILHO, Francisco. Vou implodir o Maracanã. Entrevista com João Havelange. *IstoÉ*, São Paulo (1410), 09 de outubro de 1996.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4.ed. Campinas: Cortez/Editora da UNICAMP, 1997.
- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. Marx contra a violência ou a violência contra Marx. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 de julho de 1996. Opinião, Caderno A, p.2.
- EVELIN, Guilherme, ANDRADE, Patrícia. Desordem mundial. Entrevista com Ignacy Sachs. *IstoÉ*, São Paulo (1403), 21 de agosto de 1996.
- IANNI, Otávio. O mundo do trabalho. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). *A reinvenção do futuro: trabalho, educação, política na globalização do capitalismo*. Bragança Paulista: Cortez/USF-IFAM, 1996. 15-54
- LESSA, Sérgio. Praticismo, alienação e individuação. *Práxis*, Belo Horizonte (08): 47-72, mar-jun. 1997.
- LOWY, Michael. Crise do marxismo ou marxismo crítico?. *Cadernos de Teoria e Debate*. PT - Diretório Regional de São Paulo. São Paulo, 1991. p. 111-118.